

GALBRAITH NÃO DIZ “CALOTE”

Luiz Carlos Bresser-Pereira

IstoÉ-Senhor, 24.08.1988

A revista Manchete de 20 de agosto publicou entrevista com John K. Galbraith, em que o notável economista afirma: "sempre achei que os empréstimos do Terceiro Mundo - particularmente os da América Latina - não serão pagos. Devemos apagá-los da contabilidade e acabar com esse negócio inacreditável de emprestar mais dinheiro para que vocês paguem os juros do principal dos velhos empréstimos". A manifestação de Galbraith não pode ser mais clara e mais precisa. Existe uma pura e simples impossibilidade para a América Latina de pagar sua dívida. Enquanto os dirigentes econômicos e políticos do Brasil, da Argentina, do México continuarem insistindo em tentar pagá-la, seus países ficarão estagnados economicamente. A prática do "dinheiro novo", do financiamento parcial dos juros (que está sendo repetida na negociação atual do Brasil) é "inacreditável", é a forma através da qual a dívida vai sendo sempre perversamente aumentada, é a maneira pela qual os banqueiros lá fora e governos e empresários aqui "empurram o problema para a próxima geração", ao mesmo tempo que, acrescentaria eu, sacrificam a atual, já que desde que surgiu o problema da dívida não há desenvolvimento econômico para os países devedores.

Foi isso o que disse Galbraith. A Manchete, entretanto, que teve o mérito de publicar essa entrevista, deu um título à matéria que revela bem a subordinação das elites brasileiras ao Primeiro Mundo. Colocou como título uma frase que Galbraith não disse: "Calote já "Não importa que essa idéia estivesse explícita nas palavras de Galbraith. O fato é que ele não usou a palavra "calote" porque não vê nenhuma indignidade em um desconto na dívida. "Dar o calote" é uma expressão depreciativa na língua portuguesa. Não sei qual é a expressão correspondente em inglês, mas certamente ela terá a mesma conotação.

O Brasil e os demais países devedores não darão calote em ninguém. Dar calote é não pagar quando se pode pagar. Dar calote é desonestidade. O caloteiro é um marginal, um espertalhão que enganou quem lhe emprestou de boa fé. Quem fala que o Brasil "não deve dar o calote" são aqueles que, subordinados ideologicamente aos países credores, não querem ver a impossibilidade de se pagar a dívida. Como desejam - aliás muito legitimamente - que o Brasil se integre no Primeiro Mundo, têm medo do

confronto inevitável com os banqueiros, que erroneamente identificam com o próprio sistema capitalista central. Como insistem em não ver que a dívida externa é a principal causa do déficit público, ou, mais amplamente, do desequilíbrio financeiro estrutural do setor público - que, por sua vez, é a causa básica da estagnação e das altas taxas de inflação vigentes nesta década no Brasil -, dizem que obter uma redução da dívida seria "dar o calote". E dessa forma condenam o Brasil a uma marginalidade em relação ao primeiro mundo que eles menos desejam.

Não há nenhuma indignidade para uma pessoa, para uma empresa ou para um país em se ver na impossibilidade de pagar uma dívida. Muitos dos países mais desenvolvidos já se viram no passado nessa situação. O que é indigno é condenar todo um povo à estagnação - e uma parte ponderável dele à miséria - porque não se quer, porque se tem medo de reconhecer o óbvio: que a dívida já é muito grande, que não pode mais ser aumentada, e que deve sofrer uma redução para ser paga. Os credores sabem disso, tanto assim que, apesar do "êxito" da atual negociação, o deságio sobre a dívida brasileira voltou a aumentar no mercado financeiro internacional. Se nós não sabemos ou não queremos saber é porque a inconsciência e a miopia de nossas elites é muito grande.